

REMATÉ DE MALES

Campinas-SP, (36.2): pp. 663-670, jul./dez. 2016

COMPAGNON, Antoine. *Baudelaire l'irréductible*. Paris: Flammarion, 2014.

Eduardo Horta Nassif Veras

Baudelaire l'irréductible (2014) é o segundo livro de Antoine Compagnon inteiramente dedicado ao poeta francês, após *Baudelaire devant l'innombrable* (2003), e vem para consolidar o crítico belga e professor do Collège de France como um dos principais nomes dos estudos baudelairianos atualmente. Fundamentado numa vasta pesquisa de arquivos e num conhecimento enciclopédico sobre a obra de Baudelaire e sobre o século XIX, o livro insere-se também no contexto de uma reflexão mais ampla sobre a modernidade artística e literária que perpassa praticamente toda a trajetória intelectual de Compagnon, desde o conhecido livro sobre os paradoxos da modernidade – *Les Cinq paradoxes de la modernité* (1990) – até o livro que apresenta o seu conceito de “antimodernidade” – *Les Antimodernes: de Joseph de Maistre à Roland Barthes* (2005) –, obras nas quais Baudelaire desempenha também um papel bastante central, diga-se de passagem.¹ O livro representa ainda a consolidação de um movimento revisionista cada vez mais visível no âmbito da crítica baudelairiana francesa, caracterizado, em primeiro lugar, pelo questionamento da leitura vanguardista, que atribui a Baudelaire o epíteto de “poeta da modernidade” e, em segundo lugar, de maneira menos evidente, mas não menos importante, pela preocupação em resgatar o

¹ Ambos traduzidos no Brasil e publicados pela Editora UFMG (1996 e 2010 para as duas edições do primeiro, e 2011 para a única edição do segundo).

poeta como objeto de reflexão da crítica francófona, em oposição à leitura “política” ou mesmo “revolucionária” de Baudelaire, associada à tradição alemã e à grande influência exercida pelos ensaios de Walter Benjamin sobre a recepção crítica do poeta.² Demonstrando ter clareza dessa espécie de disputa opondo duas tradições exegéticas, Compagnon não hesita em assumir sua posição no debate desde o título escolhido para o ensaio, que remete ao curso dado pelo crítico francês Georges Blin, no Collège de France, entre 1968 e 1969, conforme explica o crítico no parágrafo de abertura do livro.³

Se o alastramento da “leitura ideológica” (2014, p. 27) de Baudelaire alcançou rapidamente as universidades de língua inglesa (2014, p. 31), conforme explica Compagnon, a crítica francesa, por outro lado, só viria a aderir a esse modelo de interpretação no início dos anos 2000, exceção feita à apropriação da figura de Baudelaire por algumas vanguardas estéticas no final dos anos 1960. Esses dados evidenciam uma interessante semelhança entre os contextos de produção das obras de Antoine Compagnon e Georges Blin, ambas caracterizadas pela insistência no caráter irreduzível, ambivalente e crítico da poesia e do pensamento de

2 A amplitude desse movimento que classifico como revisionista, em oposição ao caráter hegemônico da leitura benjaminiana, pode ser apreciada na lista de convidados que compuseram os seminários ligados ao curso Baudelaire moderne et antimoderne oferecido por Compagnon no Collège de France entre janeiro e abril de 2012. Entre os principais pesquisadores que tomaram a palavra após cada aula a convite do titular da cadeira, cito: Yves Bonnefoy, John E. Jackson, André Guyaux e Pierre Pachet. O curso completo em vídeo e as gravações da maioria dessas intervenções podem ser encontrados na página de Antoine Compagnon no site do Collège de France. <<http://www.college-de-france.fr/site/antoine-compagnon/course-2011-2012.htm>> (acessado em 21/4/2015).

3 Ironicamente, a expressão “irréductible” aplicada a Baudelaire encontra-se também num trecho de “Parque Central”, de Benjamin, conforme admite Compagnon no mesmo parágrafo inicial do livro (p. 7). Por mais que a expressão “irreductible” aponte para a sua filiação a uma determinada linhagem crítica, representada por Georges Blin, seu antecessor no Collège de France, ela não deixa de evidenciar, por outro lado, também a “irreduzibilidade” do pensamento de Walter Benjamin sobre Baudelaire e o reconhecimento do crítico a respeito da importância incontornável do filósofo alemão para os estudos baudelairianos. Com efeito, a leitura benjaminiana de Baudelaire não se resume à abordagem político-sociológica, principalmente se levarmos em consideração os pontos de contato entre o filósofo e o poeta, para além dos textos mais consagrados. Por fim, é importante observar que Walter Benjamin é uma figura bastante presente nos ensaios e cursos de Compagnon sobre Baudelaire, o que demonstra, para além do reconhecimento da importância do filósofo, a existência mesmo de alguns pontos de afinidade.

Baudelaire, em oposição a qualquer tentativa de explicação de sua obra em função do posicionamento político do poeta.

Baudelaire l'irréductible insere-se, por fim, em outra importante linhagem da história dos estudos baudelairianos, a de análises dedicadas à última fase da produção do poeta, também conhecida como a fase do “último Baudelaire”, conforme a expressão tornada célebre pelo importante livro de Charles Mauron (1966).⁴ Compagnon cita alguns desses trabalhos dedicados aos anos finais da produção baudelairiana e em especial aos poemas em prosa, considerados pelo crítico como o auge das “contradições e das oscilações do último Baudelaire” (2014, p. 12), dentre os quais se destacam o famoso livro de Suzane Bernard, *Le Poème en prose de Baudelaire à nos jours* (1959), que defende a tese de que os poemas em prosa eram esboços abortados de poemas em verso, e a importante introdução de Georges Blin ao *Spleen de Paris* (1946), onde se verifica a ideia contrária, isto é, de que os poemas em prosa caracterizam-se por sua originalidade formal. A partir do contraste entre as duas leituras, Compagnon propõe sua própria interpretação dos pequenos poemas em prosa como manifestações da ambivalência baudelairiana em relação à modernidade e à tradição, defendendo mais uma vez a tese da dualidade e da reversibilidade, da “modernidade antimoderna” de Baudelaire, de “seu desejo e seu horror do moderno” (2014, p. 26).

Seguindo a mesma estrutura argumentativa do curso ministrado no Collège de France em 2012, o livro procura mostrar que a famosa modernidade estética de Baudelaire se define, na verdade, pela “recalcitrância” (2014, p. 8) do poeta em relação ao mundo moderno em seus diversos aspectos, resumidos, segundo Compagnon, numa única expressão: o dogma do progresso, simbolizado em especial pela imprensa, pela fotografia e pela cidade, tópicos com os quais o poeta estabelecia uma relação marcadamente ambígua, manifestando ao mesmo tempo seu horror e sua atração por eles. Como no curso de 2012, cada uma dessas “coisas modernas” (2014, p. 12) constitui o objeto de um dossiê cuidadosamente elaborado pelo crítico, sucedidos ainda por um derradeiro capítulo dedicado à reflexão baudelairiana sobre a arte

4 MAURON, Charles. *Le Dernier Baudelaire*. Paris: José Corti, 1966. Essa fase corresponde aproximadamente aos anos de 1859 a 1867, época da produção de alguns dos principais poemas em prosa e de textos importantes como *Le Peintre de la vie moderne*, cuja produção data dos anos de 1859 e 1860, e a publicação de 1863.

moderna, que constitui de fato o último dossiê dedicado às relações ambivalentes do poeta com a modernidade. Inspirado numa interessante leitura do poema em prosa *Le Miroir*, Compagnon enxerga em cada um desses elementos uma espécie de espelho do homem moderno diante do qual o poeta se duplica, como o *Héautontimorouménos*, “vítima” e “carrasco” de si mesmo, evidenciando sua condição ambígua de homem moderno e grande crítico da modernidade ao mesmo tempo.

O primeiro “dossiê” aberto pelo crítico refere-se às relações do poeta com a imprensa, e, já em seu primeiro parágrafo, é capaz de apresentar algumas das principais características da leitura de Compagnon, dando o tom que predominará ao longo de toda a obra: “(...) o jornal apresenta um espelho moral, uma caricatura do homem moderno, quer dizer, também do homem eterno, pois é a sua natureza sempre monstruosa que ele revela” (2014, p. 41; tradução minha). Retomando de maneira direta a tese do ensaio *Baudelaire devant l'éternel*, publicado inicialmente em 1993, e posteriormente incluído em *Baudelaire devant l'innombrable* (2003), Compagnon procura evidenciar ao mesmo tempo a preocupação moral e o caráter essencialista da abordagem baudelairiana do homem moderno, deixando entrever mais uma vez, se não sua filiação irrestrita à leitura teológica ou maistriana,⁵ cujos principais argumentos são constantemente retomados pelo crítico ao longo do livro, ao menos sua oposição à leitura materialista do poeta do *Spleen de Paris*.

Baudelaire costumava ver os jornais como um grande “tecido de horrores” (1975, I, p. 705), mas jamais pôde abrir mão deles, primeiramente pela necessidade de fazer dinheiro, mas também por uma espécie de fascinação, o que não deixa de ter implicações literárias – mais um índice de sua ambivalência em relação às “coisas modernas”. Compagnon chama a atenção para a ligação incontornável entre o projeto baudelairiano do poema em prosa e o formato fragmentado, caótico e trivializante do jornal.

5 A aproximação entre Baudelaire e o filósofo Joseph de Maistre (1753-1821), com quem o poeta admitira, num fragmento de *Hygiène*, ter aprendido a raciocinar (BAUDELAIRE, I, 1975, p. 669), foi proposta por diversos críticos, dentre os quais destaco Pierre Pachet (*Baudelaire solitude et complot*) e Daniel Vouga (*Baudelaire et Joseph de Maistre*), além, claro, do próprio Compagnon (*Les Antimodernes: de Joseph de Maistre à Roland Barthes*). Na batalha das interpretações travada entre os adeptos da abordagem “política” e os adeptos da despolitização ou da “antimodernidade” do poeta, a presença marcante de ideias maistrianas como a da reversibilidade da vítima e do carrasco, ou do sacrifício e da pena de morte como experiências sagradas, no pensamento e mesmo na obra literária de Baudelaire é um trunfo bastante considerável.

Conforme a metáfora teológica proposta pelo crítico: “o poeta é rebaixado no tohu-bohu, na cacofonia do jornal” (2014, p. 43; tradução minha). Essa relação ambivalente mantida com os jornais e com seus editores, sem deixar de implicar também os leitores, diversas vezes ironizados nos poemas em prosa, é tomada por Compagnon como a primeira grande evidência da antimodernidade de Baudelaire, isto é, da duplicidade que caracteriza a visão do poeta a respeito de todas as coisas e pessoas representativas do mundo moderno.⁶

A mesma ambivalência pode ser identificada no contraste entre as opiniões de Baudelaire contrárias à fotografia e seu fascínio diante da nova técnica. Compagnon procura desvendar os fundamentos da oposição baudelairiana ao mesmo tempo que evidencia, por outro lado, o interesse pessoal e literário do poeta pelo universo fotográfico – atestado por sua amizade com Felix Nadar, pela presença assídua nos estúdios, como curioso e como modelo, e pela influência que a nova invenção exerceu sobre sua reflexão sobre a arte moderna e sobre sua produção literária, especialmente nos poemas em prosa. Mas a grande contribuição de Compagnon para a compreensão da crítica baudelairiana à fotografia está, mais uma vez, no desvelamento de seus fundamentos teológicos. Dialogando com algumas ideias em voga na época, Baudelaire critica a fotografia como modelo da sensibilidade moderna em função de seu caráter pagão e idólatra. “Dans ces jours déplorables, une industrie nouvelle se produisit, qui ne contribua pas peu à confirmer la sottise dans sa foi et à ruiner ce qui pouvait rester de divin dans l’esprit français”, escreve o poeta (1975, v. II, p. 616) num trecho da seção “Le public moderne et la photographie” do *Salon de 1859*, citado por Compagnon (2014, p. 118). Esse trecho é um dos vários em que Baudelaire emprega um vocabulário teológico em sua condenação da fotografia, conforme procura demonstrar o livro. Aquilo que “podia restar de divino no espírito francês” é identificado ainda pelo crítico à era da pintura, à qual a nova técnica vem fazer concorrência. Além dessa espécie de revolução teológica, associada por Compagnon à percepção baudelairiana da crise do monoteísmo e à denúncia do paganismo moderno, a fotografia estaria na base também de

⁶ Compagnon destaca uma série de pessoas com as quais Baudelaire estabeleceu uma relação de amizade e desprezo, de admiração e rivalidade. A duplicidade baudelairiana nas amizades inclui nomes como os do editor Arsène Houssaye, do fotógrafo Felix Nadar, do pintor Édouard Manet e do poeta Victor Hugo.

uma verdadeira revolução artística, ao substituir a pintura como modelo para as artes. Essa segunda revolução teria motivado Baudelaire a se levantar contra a fotografia em dois de seus principais textos de crítica de arte, *Salon de 1859* e *Le Peintre de la vie moderne*, interpretados por Compagnon como verdadeiros tratados de antifotografia (2014, p. 144).

O terceiro dossiê proposto pelo crítico tem como tema central a metrópole, e como mote a associação entre ela e a vida moderna, diversas vezes estabelecida por Baudelaire, como no poema em prosa “À une heure du matin”: “Horrible vie! Horrible ville!” (1975, v. II, p. 287). Nesse dossiê, Compagnon procura demonstrar o quanto a cidade baudelairiana é caracterizada pelo caos – termo de matriz teológica empregado por Baudelaire diversas vezes, inclusive em sua versão hebraica *tohu-bohu* – e o quanto ela se configura como uma inspiração formal para os poemas em prosa, conforme sugere o poeta na dedicatória a Arsène Houssaye. A leitura teológica se estende, ainda, à comparação proposta por Compagnon entre a Paris de Baudelaire e a grande prostituta do Apocalipse de João e, claro, à aproximação com o pensamento de Joseph de Maistre, especialmente em torno do tema do sacrifício.

Após a cidade e suas metonímias – o gaz, o café, o boulevard –, um último “espelho” do homem moderno entra em cena no livro de Compagnon: a arte. No último capítulo, o crítico traça uma espécie de percurso da reflexão baudelairiana sobre a arte moderna que teria início no *Salon de 1846*, passaria pelo ensaio *Quelques caricaturistes français* (1857), cujo prolongamento teórico se encontra em *De l'essence du rire* (1855-1857), até desaguar no famoso ensaio *Le Peintre de la vie moderne* (1863) e nos poemas em prosa do *Spleen de Paris*. Essa reflexão teria como centro irradiador a noção de “caricatura séria” (*caricature sérieuse*) e a oposição entre os conceitos de “cômico absoluto” (*le comique absolu*) e de “cômico significativo” (*le comique significatif*), desenvolvidos pelo poeta no texto sobre a essência do riso. Compagnon procura desvendar os motivos que levaram Baudelaire a eleger um desenhista obscuro como Constatin Guys, em detrimento de diversos artistas com os quais o poeta estabeleceu relações, como o pintor da vida moderna. Após analisar o caso de cada um desses artistas preteridos pelo poeta – Gavarni, Daumier, Meryon e Manet – o crítico sugere que a escolha de Guys é resultado de uma postura nostálgica e melancólica de Baudelaire em face da crescente importância da fotografia (2014, p. 325), devendo ser interpretada como um ato de resistência à modernidade (2014, p. 328).

Como nos outros dossiês, predominam na análise que Compagnon propõe da crítica de arte baudelairiana as mesmas categorias: antimodernidade, ambivalência, nostalgia e duplicidade. Somadas à insistência no diálogo com Joseph de Maistre e com determinados tópicos da teologia, essas categorias contribuem também para definir o caráter metacrítico da abordagem de Compagnon. Em outras palavras, é possível afirmar que sua postura demoníaca – exposta em seu famoso livro de revisão dos principais tópicos da Teoria Literária, *Le Démon de la théorie: littérature et sens commun* (1998) – prevalece também em seus livros de crítica. Seu interesse sempre renovado por Baudelaire é bastante coerente com essa postura crítica que atenta contra toda forma de cristalização e reducionismo, primeiramente por se tratar de um poeta que manifestou diversas vezes uma preocupação semelhante, ao combater diversos mitos de sua época, como o dogma do progresso, e pelo fato de sua complexidade literária e filosófica ter motivado um verdadeiro conflito de interpretações ao longo dos anos. Baudelaire é um verdadeiro *homme charnière*⁷ tanto para a história da poesia quanto para a história da crítica literária, uma espécie de encruzilhada capaz de absorver as mais diversas tendências da poesia europeia do século XIX e de multiplicar os caminhos para a poesia ocidental no século XX. O mesmo se pode dizer a respeito da crítica de poesia, em geral, e baudelairiana, em particular, pois, em seus melhores momentos, elas se mostram capazes de repercutir essa infinidade de caminhos, a riqueza incomparável de uma obra que nos convida a pensar e a repensar constantemente a modernidade, a poesia e os próprios estudos literários. Nessa tradição de exegetas – da qual fazem parte Paul Valéry, Walter Benjamin, Georges Blin e Claude Pichois –, Antoine Compagnon vem se consagrando como um nome de peso, seu trabalho fazendo jus como poucos à lição baudelairiana da autoconsciência, do desdobramento crítico do eu, do exercício constante da autorrevisão. E essa é a principal contribuição desse *Baudelaire l'irréductible*, não somente para os estudos de Baudelaire, mas para os estudos literários como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARD, Suzane. *Le Poème en prose de Baudelaire à nos jours*. Paris: Nizet, 1959.

⁷ Conforme a feliz expressão de Jean-Pierre Bertrand e Pascal Durand em *Les Poètes de la modernité: de Baudelaire à Apollinaire* (2006).

- BERTRAND, Jean-Pierre; DURAND, Pascal. Les Poètes de la modernité: de Baudelaire à Apollinaire. Paris: Points Essais, 2006.
- BAUDELAIRE, Charles. Œuvres complètes. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois. Paris: Gallimard, 1975. Col. Bibliothèque de la Pleiade. 2v.
- COMPAGNON, Antoine. Les Cinq paradoxes de la modernité. Paris: Éd. du Seuil, 1990.
- COMPAGNON, Antoine. "Baudelaire devant l'Éternel". In: BERCOT, Martine; GUYAUX, André (orgs.). Dix études sur Baudelaire. Paris: Honoré Champion, 1993.
- COMPAGNON, Antoine. Le Démon de la théorie: littérature et sens commun. Paris: Éditions du Seuil, 1998.
- COMPAGNON, Antoine. Baudelaire devant l'innombrable. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade. Trad. Cleonice P. B. Mourão et alli. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. Les Antimodernes: de Joseph de Maistre à Roland Barthes. Paris: Gallimard, 2005.
- COMPAGNON, Antoine. Os Antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes. Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. Col. Humanitas.
- COMPAGNON, Antoine. *Baudelaire l'irréductible*. Paris: Flammarion, 2014.
- MAURON, Charles. Le Dernier Baudelaire. Paris: José Corti, 1966.
- PACHET, Pierre. Le Premier venu: essai sur la politique baudelairienne. Paris: Denoël, 1976.
- VOUGA, Daniel. Baudelaire et Joseph de Maistre. Paris: J. Corti, 1957.